Sem medo de competir

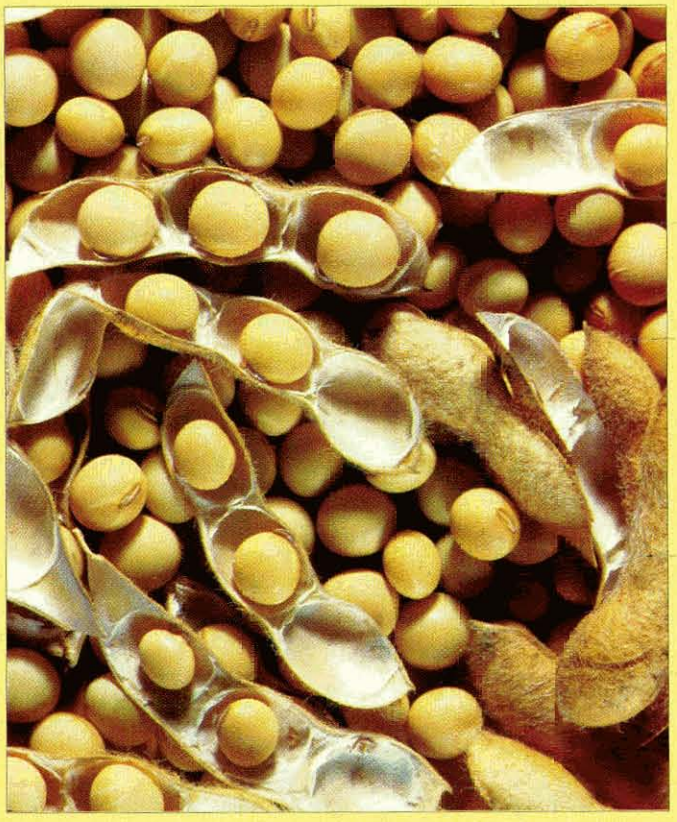
A soja no Brasil já alcançou a produtividade dos Estados Unidos e tem condições de alcançá-los também na produção

AMÉLIO DALL'AGNOL

A trajetória da soja no Brasil, que em menos de meio século passou de uma curiosidade para o principal item da pauta das exportações agrícolas brasileiras, é um fenômeno. Sua importância para nossa balança comercial tem sido fundamental, pois um em cada quatro dólares exportados pelo setor agroindustrial brasileiro tem origem no complexo soja. Ela responde por uma receita cambial direta superior a US$5 bilhões anuais – cerca de 10% do total de ingressos provenientes das exportações do país – e 10 vezes esse valor em benefícios indiretos, gerados ao longo de sua extensa cadeia produtiva.

Mas, apesar da atual liderança no mercado das commodities agrícolas brasileiras, a soja é uma cultura relativamente nova no Brasil. Ela se estabeleceu como cultura economicamente importante somente a partir dos anos 60, quando a produção se multiplicou por cinco, passando de pouco mais de 200 mil toneladas – menos de 1% da produção mundial – para mais de 1 milhão de toneladas, 98% das quais colhidas na região Sul. Passados 40 anos, o Brasil é o segundo produtor mundial: colhe cerca de 38 milhões de toneladas e responde por 22% da produção global.

O expressivo crescimento da produção de soja nos anos 60 foi apenas o começo de uma trajetória de êxitos que ainda perdura. O incremento da produção na década seguinte seria ainda mais significativo, começando com 1,5 milhão de toneladas em 1970 e terminando a década com mais de 15 milhões. A maior parte desse volume ainda era produzida nos três estados da região Sul, mas o Centro-Oeste já dava sinais de seu potencial como produtor de grãos, o que se confirmaria nas duas décadas seguintes.



Crescimento exponencial

Muitos fatores contribuíram para que a soja se estabelecesse como importante cultura, primeiro no Sul nos anos 60 e 70 e posteriormente nos trópicos brasileiros nos anos 80 e 90. Alguns desses fatores foram comuns a ambas as regiões. Entre os que contribuíram para seu rápido estabelecimento na região Sul estão os incentivos fiscais disponibilizados para o trigo, que também favoreceram a soja; a expansão da lavoura do trigo no inverno, favorecendo a implantação da soja no verão; a adaptação de um conjunto de boas tecnologias provenientes do sul dos Estados Unidos; um intenso programa de recuperação de fertilidade do solo no Rio Grande do Sul nos anos 60; os altos preços da soja no mercado internacional nos anos 70; a demanda de óleos vegetais, mais saudáveis, para substituir as gorduras animais; o estabelecimento de importante parque industrial de insumos, maquinário e

O desenvolvimento de tecnologias adequadas transformou o Brasil no único país do mundo a produzir soja em regiões tropicais. Nos demais países, o cultivo da soja ocorre em regiões subtropicais ou temperadas.

processamento do grão; estabelecimento de um bem estruturado sistema cooperativista que apoiou a produção e a comercialização das safras; a melhoria dos sistemas viário, portuário e de comunicações e o estabelecimento de uma bem articulada rede de pesquisa envolvendo os setores público e privado.

As décadas de 80 e 90 repetiram, na região tropical do Brasil, o fantástico crescimento da produção de soja ocorrido nas décadas anteriores na região Sul. Em 1970, menos de 2% da produção nacional era colhido nessa região; em 1980 passou para 20%; em 1990 já era superior a 40% e atualmente supera os 50%, com tendência a ocupar mais espaço a cada safra.

Entre os fatores que mais contribuíram para esse fenômeno no Brasil central estão: a melhoria da infra-estrutura regional, incentivada pela construção de Brasília na região; os incentivos fiscais disponibilizados para investimentos na região; o baixo preço da terra de cerrado nos anos 60, 70 e 80; o bom regime de chuvas para os cultivos de verão; a topografia favorável para a mecanização; as boas características físicas dos solos de cerrado e, mais importante do que tudo isso, o desenvolvimento de um conjunto de tecnologias genuinamente brasileiras, apropriadas para regiões tropicais com baixas latitudes. O desenvolvimento dessas tecnologias transformou o Brasil no único país do mundo a produzir soja em larga escala em regiões tropicais. Nos demais países produtores, o cultivo da soja ocorre, predominantemente, em regiões subtropicais ou temperadas, com latitudes próximas ou superiores a 30º.

Para crescer ainda mais

O crescimento da produção de soja no Brasil – mais de 30 vezes no transcorrer de apenas três décadas – determinou uma seqüência de mudanças sem precedentes na história do país. Foi a soja, inicialmente apoiada pelo trigo, a grande responsável pelo surgimento da agricultura comercial no Brasil. Ela acelerou a mecanização das lavouras; modernizou o sistema de transportes; expandiu a fronteira agrícola; promoveu a interiorização da população brasileira – excessivamente concentrada no Sul e no litoral; profissionalizou e incrementou o comércio internacional; modificou e diversificou a dieta alimentar dos brasileiros; acelerou a urbanização do Brasil; apoiou a tecnificação de outras culturas – destacadamente a do milho – assim como impulsionou e descentralizou a agroindústria nacional, promovendo o desenvolvimento da avicultura e da suinocultura brasileiras.

O futuro dessa nova fronteira agrícola dependerá da competitividade de sua produção no mercado nacional e internacional. Para isso a região precisa do apoio governamental, destacadamente de políticas que incentivem a produção, via incremento das exportações, desonerando a cadeia produtiva da atual carga tributária. Precisará também abrir novas e mais baratas vias de escoamento da produção, integrando rodovias, ferrovias e hidrovias aos sistemas de transporte da produção, indispensável para que o país possa reduzir a importância desse item na composição do custo do produto que chega aos mercados internacionais. O custo do transporte rodoviário é duas vezes o ferroviário e quatro vezes o hidroviário. Apenas para ilustrar, 67% da soja brasileira são transportados por rodovias, contra 16% da americana. Em contrapartida, 61% da soja americana viajam por hidrovias, contra 5% da brasileira.

Entre os grandes produtores mundiais de soja, o Brasil figura como o país que apresenta as melhores condições para aproveitar o esperado aumento da demanda mundial do produto, como conseqüência do crescimento da população; aumento do poder aquisitivo dessa população; novos usos industriais da soja (biodiesel, tintas, vernizes); aumento do consumo de soja para alimentar frangos e suínos, cuja carne passou a ser mais consumida, como conseqüência da doença da vaca louca, que também determinou a substituição da farinha de carne por farelo de soja, como fonte protéica para a ração de bovinos.

É o Brasil mostrando a sua cara, sem medo de competir. Já alcançamos a produtividade dos Estados Unidos e temos condições de alcançá-los também na produção. Só precisamos de tratamento equânime, o que implica eliminação do protecionismo e dos subsídios, práticas abusivas que distorcem o livre comércio, enfaticamente condenadas por quem, cinicamente, mais as pratica: os países ricos.

Amélio Dall'Agnol é pesquisador da Embrapa Soja.
E-mail: amelio@cnpso.embrapa.br